
From: António Pereira <agarciapereira@netcabo.pt>

Sent: Wednesday, November 18, 2015 12:19 PM

To: cmdcostagomes@gmail.com

Subject: Carta ao Comité Central

Sebastião,

Conforme te referira, em anexo remeto, por esta via de mail, a carta dirigida ao Comité Central do Partido, em que apresento, com efeitos imediatos, a minha demissão e cujo original te entreguei pessoalmente hoje, 4ª fª, 18/11, pelas 10h da manhã, juntamente com a chave da sede da Av. do Brasil (única que tinha em meu poder).

António Garcia Pereira

As Comité Central do Partido

A/C Comandada Sebastião,

Verifiquei já na madrugada de 17/11 que foi feito desaparecer do Luta Popular o artigo e texto que enviara ao jornal e ao seu Director Carlos Paisana, que esteve lá publicado durante um dia e meio, e que deu origem à "resposta" subscrita pelo mesmo Carlos Paisana publicada sob o título "Garcia Pereira e os Catistas". "Resposta", essa sim, que se encontra lá publicada.

Como também verifiquei que o 2º documento (carta) que tu mesma diste de 17/11 remeteste ao mencionado Carlos Paisana, Director do Luta Popular e membro do Comité Central (tendo a crítica política de que, a não ser aquilo que considero ser a natureza errada e profundamente oportuna da sua posição de agenciar aqui a subversão promovida crítica e distorção de situações de que

W Mantenho a posi...

Ao Comité Central do Partido

A/C Camarada Sebastião,

Verifiquei já na madrugada de 17/11 que foi feito desaparecer do Luta Popular online o texto que enviara ao Jornal e ao seu Director Carlos Paisana, que esteve lá publicado durante uns dois dias, e que deu origem à “resposta” subscrita pelo mesmo Carlos Paisana publicada sob o título “Garcia Pereira e as Catatuas” , “resposta”, essa sim, que se mantém lá publicada.

Como também verifiquei que o 2º documento (carta) que na mesma data de 13/11 remeti ao mesmíssimo “Carlos Paisana, Director do Luta Popular online e membro do Comité Central” (fazendo a crítica política de pôr a claro aquilo que considero ser a natureza errada e profundamente oportunista da sua posição de aparecer agora a subscrever pretensas críticas e denúncias de situações de que finge nunca ter tido conhecimento ou nada ter tido a ver, e, pior, a proferir meros ataques pessoais) nunca foi publicado e antes foi censurado pelo referido Director.

E finalmente constato que, “apagados” esses dois documentos (um, desde o início e o outro, ao fim de 2 dias de publicação, mas mantendo-se a “resposta” ao mesmo), logo aparece um novo texto subscrito por Valentim Martins curando de me tentar pressionar a explicar e até a provar que eu não mantenho “conversas em privado, através de chat com os familiares e amigos, e estes com ele” e que não escrevo “na cronologia e os familiares e amigos também, mas isso só ser visível para alguns apenas”!?

Ora, já fiz a demarcação formal que, sem “recados” ou imposições de ninguém, entendi que devia fazer, e pela forma e pelo método que considerei mais correctos, designadamente através do texto que o Luta Popular on line decidiu apagar. A demarcação prática foi, e está, adoptada desde o dia 6/10/15, quando tomei conhecimento da minha suspensão e adoptei a postura de não dizer uma palavra a quem quer que fosse (camaradas, familiares, amigos, terceiros, jornalistas, etc, etc) sobre a situação do e no Partido e de qualquer dos seus membros, incluindo eu próprio, bem como de não só não fazer como rejeitar liminarmente qualquer tipo de apelo a apoios à minha pessoa ou à recolha de dados ou denúncias contra quem quer que fosse.

Deste modo, a insinuação de que eu não falo por mim mas que o faço através ou por intermédio de outros a quem ditaria o que devem subscrever é tão falsa quanto infamante. E pretender que o acusado faça prova da sua inocência constituirá uma forma de actuação própria de processos inquisitoriais mas absolutamente imprópria de qualquer luta de ideias e de combate político. Em boa verdade, eu é que teria, como tenho, legitimidade para desafiar qualquer destes acusadores a demonstrar que, em algum momento, em qualquer local e por qualquer meio, pratiquei o que quer que seja daquilo de que me tentam acusar.

Mantive e mantenho a posição e a decisão de não fazer, seja directamente, seja, muito menos, por interpostas pessoas, nem ataques contra o Partido, nem ataques pessoais e muito menos calúnias a qualquer dos seus membros.

Continuo a entender que cometi diversos e graves erros de linha política, em particular neste ano de 2015, e não me eximo a reconhecê-los, ao invés do que parece acontecer com alguns dos subscritores de textos do Luta Popular. Vários desses erros são da minha exclusiva responsabilidade pessoal, outros resultam da minha intervenção e participação em acções e decisões de natureza colectiva, seja do Comité Central, seja do Comité Permanente do Comité Central, seja da Direcção da Campanha Eleitoral às legislativas.

Mas não sou um social- fascista nem um anti-comunista primário. Como também não sou nem quero ser um “chefe de fila” do que quer que seja, e muito menos de qualquer tipo de manobra cisionista ou fraccionista.

Mas considero que em particular os últimos textos publicados no Luta Popular online sob a assinatura de “Carlos Paisana, Director do Luta Popular e Membro do Comité Central”, com a referência pública e explícita ao meu nome, e a não publicação da carta que lhe dirigi denunciando o oportunismo de quem aparece agora a fazer denúncias de decisões e situações em que teve intervenção directa e principal como se nada tivesse a ver com elas, e os escritos que se lhes seguiram tornaram absoluta e definitivamente claro que (e, pelos vistos, desde já há largo tempo) foi já tomada a medida de me expulsar do Partido onde milito desde há mais de 40 anos e que daquilo de que se trata agora, e de forma cada vez mais óbvia, é tão somente de tentar criar justificações para tal medida, procurando fulanizar a todo o transe as questões, vestir-me à força a pele do dito “chefe-de-fila” que não sou nem quero ser, e recorrendo para tal a métodos administrativos e até de provocação não só política, mas também pessoal e inclusive profissional, para já não dizer de verdadeiro apelo à delação, com os quais de todo não concordo e que julgo em absoluto incompatíveis com uma verdadeira luta política, por mais dura que ela seja.

Contra a minha própria vontade, fui-me dando conta de que se estava a tratar de apresentar como totalmente negativos e até contra-revolucionários todos os aspectos da actividade política que vinha desenvolvendo, e que inclusive tinham merecido anteriormente apreciações positivas (como as participações e intervenções em colóquios, conferências, intervenções no canal ETV, debates televisivos e sessões e comícios do Partido).

Mas a verdade é que sempre assumi todas as tarefas e responsabilidades que o Partido entendeu atribuir-me e que alguns dos “corajosos” que aparecem agora a atacar-me não quiseram assumir, fossem tais tarefas encabeçar candidaturas eleitorais ou representar o Partido em sessões e debates onde este entendera dever participar, ou quaisquer outras. Contudo vejo que essa assunção de responsabilidades é agora apresentada ou como uma mera actividade de “papagaio” ou até como uma espécie de demonstração do tal papel de “chefe de fila”.

Penso todavia que importará recordar – antes que isso possa ser também ser esquecido - que já nas últimas eleições legislativas fui eu que, em nome e por decisão do Partido, dei publicamente a cara pela palavra de ordem “Morte aos Traidores!”, bem como pela sua autorizada não aplicação à campanha de Braga e, depois, da Madeira, depois pelo anúncio público da sua retirada da campanha após as objecções da mandatária para a juventude, e enfim pela explicação a todo o País nos exactos termos e palavras com que foi decidido que tal anúncio fosse feito à Comunicação Social, querendo eu crer que tal tenha sido feito e decidido por se entender que essa era a melhor forma de defender o Partido e não para que a dita palavra de ordem pudesse depois ser voltada e aplicada contra quem por ela dera, e ainda hoje dá, a cara, designadamente nos grandes cartazes chamados “outdoors”.

Como fui eu que, por decisão do Partido, tive de assumir a defesa da candidatura do Partido, das suas posições e das suas palavras de ordem, muito em particular a de “Morte aos Traidores!” quer no Comício de 18 de Setembro na Voz do Operário, quer na difícil situação criada pela intervenção e atitudes da mandatária para a juventude no jantar de encerramento da campanha a 1 de Outubro na Casa do Alentejo.

E foi também o 1º candidato por Lisboa Garcia Pereira que, em situação de autêntica emergência, ou seja, à entrada da própria campanha eleitoral, uma vez mais por decisão do Partido e na ausência de outra alternativa, teve de proceder à elaboração do Programa Eleitoral do Partido, objecto depois apenas de alguns pontuais, ainda que importantes, complementamentos.

Tendo uma deslocação marcada para 29/9 ao Algarve, com diversas iniciativas públicas já ali amplamente divulgadas, não efectuei, uma vez mais por decisão da Direcção da Campanha e do Comité Permanente do Partido, tal deslocação para ir participar na manifestação dos moradores dos bairros sociais junto do IHRU, na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro (onde participaram também José Machado, que veio expressamente de Braga integrando tal manifestação, e Arnaldo Matos, com quem estive e conversei durante essa tarde). Isto, para, ao final dessa mesma tarde, verificar – sem que qualquer informação ou explicação me tivesse sido dada ou tivesse constatado qualquer circunstância, nova ou velha, que tal pudesse justificar – não só que haviam sido retiradas da 1ª página do Luta Popular todas, sem excepção, as referências e notícias relativas ao 1º candidato do Partido pelo círculo por Lisboa, ou seja, o Garcia Pereira, como, mais do que isso, do vídeo da reportagem da referida manifestação feita pelo Luta Popular, e que tinha sido entretanto publicado no Jornal, havia sido retirado o depoimento que o Luta Popular me pedira e eu ali prestara, como, mais ainda, de tal vídeo tinham sido cirurgicamente eliminadas todas as imagens em que aparecesse a minha fraca figura, assim se fazendo crer que a minha intervenção em tal manifestação – decidida, repito, pelo Partido – nunca teria existido.

Logo após as eleições de 4 de Outubro, para além de claramente apresentado como integrando o grupo de indivíduos publicamente definidos como os social-revisionistas, social-fascistas e demais oportunistas que tomaram conta do quartel general do Partido, sou directa e pessoalmente visado e publicamente

identificado no documento “A Derrota Eleitoral do Partido e as Medidas Urgentes a Tomar”, datado de 5/10, com a referência expressa e inequívoca ao membro do Comité Permanente com um programa de televisão semanal no ETV.

Tendo sido o único membro do Comité Permanente que ficou suspenso sem a atribuição de qualquer tarefa (e inclusive, intencionalmente, sem qualquer indicação do que deveria eu fazer relativamente ao referido programa do ETV), acato as medidas aí avançadas e depois ratificadas na reunião do Comité Central de 10/10, estudo os documentos e textos recomendados pelo mesmo Comité Central e, cumprindo com outra das decisões deste, apresento-me na sede em 20/10 e aí assino pelo meu punho e entrego em mão ao Camarada Sebastião a minha auto-crítica no encontro com todos os membros suspensos fixado na deliberação do Comité Central para esse dia 20/10 (mas a que o camarada Paulo foi depois dispensado de comparecer, tendo-lhe também sido concedido um acrescido prazo de 10 dias para apresentar a sua auto-crítica), e em que também fomos informados da apresentação da demissão por parte de dois membros do Comité Central.

Já de igual modo verificara entretanto que, no texto publicado no Luta Popular em 13/10, intitulado “Resposta a Rui Senra, em Barcelos”, as duas candidaturas à Presidência da República que, em nome e com o apoio do Partido, e por estrita decisão deste, eu tivera a honra de assumir em 2001 e 2006 são pura e simplesmente esquecidas ou omitidas, como se nunca tivessem existido.

E no texto publicado pelo Luta Popular em 5/11, subscrito por Viriato e intitulado “Os dinheiros do Partido”, para além de, enquanto membro do Comité Permanente, ser publicamente apontado como responsável por situações de corrupção com dinheiros do Partido, sou também clara e explicitamente designado como o “chefe de fila” da linha oportunista, revisionista e anti-comunista dominante no Partido e que esta não teria conseguido eleger.

Mas se até aqui ainda se poderia entender – tal como eu próprio, porventura até com alguma ingenuidade, sempre procurei entender - estar-se perante uma luta com algum cariz político, mesmo que com métodos criticáveis (como sejam o da publicidade, inclusive para a Comunicação Social, das acusações feitas e dos nomes dos acusados – o que naturalmente, não afectando quem não é conhecido ou não deu, ou não quis dar, a cara pela campanha, encheu de gozo provocadores como os jornalistas, escribas oficiais da traição, o Coelho do PTP ou provocadores fascistas como aqueles que me têm interpelado, atacado e injuriado na rua), tudo isto muda de figura e assume claramente a natureza de uma lastimável perseguição personalizada quando se entra no capítulo de um membro do Comité Permanente, que fora formalmente suspenso mas que foi entretanto nomeado Director do Luta Popular, e que foi durante meses a fio apresentado como um oportunista e liquidacionista acabado, responsável pela liquidação quer da 1ª fase do trabalho das eleições da Madeira, quer do apoio à luta dos moradores dos Bairros sociais, quer do trabalho no Alentejo, em particular com o camarada João Preguiça, quer do próprio Luta Popular, poder agora passar, e em força, a uma nova fase e a uma nova “metodologia” de acção.

As quais consistem desde logo não em fazer críticas políticas de posições e atitudes políticas, mas sim em subscrever textos onde, como se nada tivesse a ver com elas, critica situações em que teve intervenção directa, senão mesmo principal, atira com a responsabilidade para cima dos outros e vai ao ponto de se permitir o método tão cirúrgico quanto lastimável de, no próprio dia (13/11) em que, como é público e conhecido, intervenho como orador no Congresso Nacional de Direito do Trabalho, aproveitar essa precisa data para subscrever e publicar um texto a proferir a infâmia de que eu sou como o Belmiro de Azevedo, a usar, no Partido, das traulhices dos recibos verdes; bem como subscreve e faz publicar um outro texto onde alardeia conhecer, sem dizer nem como nem porquê, a forma e o sentido do relatório de auto-crítica que eu, em cumprimento da deliberação do Comité Central, apresentei e, mais, insinua, ainda que de forma habilidosa (ou seja, parecendo até afirmar rigorosamente o oposto) a ameaça de o tornar público; de seguida, subscreve e faz também publicar, agora também cirurgicamente no dia do meu aniversário, uma “resposta/desafio” a um dos dois textos que eu enviei ao “Luta Popular”, onde deixa clara a ameaça (que denomina de “sério aviso” do mesmo Luta Popular, mas que creio dever ser entendido como um verdadeiro pré-aviso) da rejeição da minha auto-crítica e da minha expulsão, não já por qualquer atitude ou posição minha, mas sim por alegadamente eu não me demarcar nas redes sociais – que bloqueei e às quais não vou desde o dia da minha suspensão – de posições assumidas por outras pessoas, definidas como familiares “ muito íntimos” .

Mas simultaneamente não publica a carta que directamente lhe dirigi denunciando o oportunismo das suas posições, deixando assim por completo claro que não só já se está completamente de fora de qualquer luta política mas no campo da fulanização das questões e no método dos ataques pessoais e da busca de justificações para medidas e posições já pré-tomadas, como também que no Luta Popular o que seja considerado como não servindo esse desiderato não tem lugar e é pura e simplesmente apagado, como se não existisse. E depois, como já referido, retira mesmo do jornal que dirige a referida declaração que lhe dirigi mas mantém a resposta que ele subscreve a esse mesmo texto que por esta forma ele fez com que deixasse entretanto de existir!? Ora isto tem alguma coisa a ver com aberta e leal discussão de ideias políticas?!

Cometi, é certo, ao longo da minha actividade política muitos erros, em particular de linha política. Assumo a responsabilidade política pela derrota do Partido nas batalhas em que participei, e muito em especial a derrota na campanha das eleições legislativas de 4 de Outubro.

Mas não sou um traidor ou um social-fascista! Participo na luta política desde os meus 16 anos de idade, simpatizo e desenvolvo actividade política com o Partido desde há 43 anos e nele comecei, com enorme honra, a militar há mais de 4 décadas. Nunca me locupletei com um cêntimo dos dinheiros do Partido, nem alguma vez me empenhei em envolvê-lo em traulhices de qualquer ordem, designadamente laborais.

Sempre cumpri com todas as tarefas e responsabilidades que o Partido entendeu atribuir-me, mesmo quando considerava não ser eu a melhor escolha (como sucedeu, por exemplo, com a minha designação para o Comité Permanente) e sobretudo quando outros , sob os mais variados e mesmo cómodos pretextos, se tratavam de eximir a essas mesmas responsabilidades. Não sou, não aceito, nunca fui e nunca aceitei, como nunca serei nem nunca aceitarei ser, instrumento e muito menos “chefe de fila” de qualquer manobra ou ataque contra o Partido. E rejeito firmemente quaisquer manobras visando procurar criar, ou parecer criar, o oposto disso! Não alimento, nem tenho rancores ou ódios pessoais, e nunca recorri a métodos da intriga e da denúncia anónima.

Mas sinceramente não creio que quem no passado, e em especial num passado bem recente, abandonou ou atacou o Partido ou se demitiu das suas tarefas e responsabilidades possa agora legitimamente aparecer como portador, representante ou defensor de uma linha política revolucionária só porque aceita subscrever textos ou produzir “denúncias” a atacar quem é apontado como alvo a abater.

Aprendi, desde muito cedo, e antes de mais com os meus Pais e os meus Avós, e com a sua longa, rica e dura experiência de vida e de luta, a tratar de lutar por princípios e a erguer-me contra todas as formas de opressão, de injustiça e de exploração. E é isso que, modestamente, vou continuar a procurar fazer, decerto com muitas insuficiências e erros, mas sempre ao lado de quem é explorado, oprimido e injustiçado.

Apercebo-me agora com clareza de quantas vezes e por quantos meios fui sendo, ao longo destes últimos 2 meses e muito em particular nestas últimas semanas, sucessivamente pressionado, atacado e até provocado para ver se acabava por ceder e por ter mesmo alguma reacção que logo servisse para “demonstrar” a pretensa justeza dos ataques que contra mim estavam a ser praticados. Nunca, porém, o fiz, nem quero fazer.

Mas – por mais doloroso que isso seja para mim, e é-o, como todos os que me conhecem bem sabem! – não pretendo impôr mais a minha permanência onde manifestamente quem actualmente dirige de todo não me quer. Não posso concordar com que este tipo de métodos e critérios utilizados para determinar o “alvo” a eliminar e depois tratar de procurar justificar essa mesma “eliminação” por todos os meios, e que estes tenham que ser dados por bons, aceites, e até multiplicados, como creio ser agora cada vez mais evidente que o vão ser, com novos e acrescidos escritos, textos, cartas e ataques contra quem se sabe que não pode de todo responder ou contra-argumentar, e mesmo que esses ataques e imputações sejam tão falsos quanto infamantes. Como também não posso ficar à espera e aceitar que, designadamente multiplicando os “escritos” no Luta Popular, me empurrem aos encontrões para a porta da rua do Partido, com o tipo de acusações e de métodos que já se evidenciaram e sinceramente nunca esperei ver serem seguidos e aplicados desta forma no Partido.

E é por tudo isto, com uma enorme mágoa mas também com a profunda convicção de que, mesmo que já não seja nas nossas vidas, a História não deixará de nos julgar a todos, que em consciência entendo que não me é deixada outra alternativa com um mínimo de dignidade que não seja a da apresentação, e com efeitos imediatos, da minha demissão.

Lisboa, 17 de Novembro de 2015

(António Garcia Pereira)